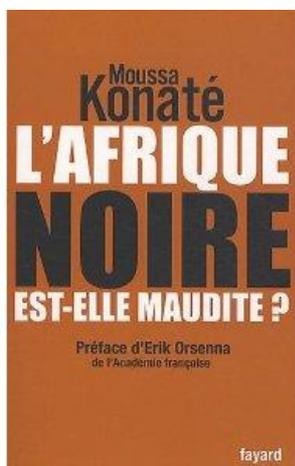

ÁFRICA NEGRA: da maldição à reconstrução de sua história

Geoésley José Negreiros Mendes^(*)

KONATÉ, MOUSSA. *L'AFRIQUE NOIRE EST-ELLE MAUDITE?* PARIS: FAYARD, 2010.



O livro de Moussa Konaté “L’Afrique noire est-elle maudite?” – *A África negra é amaldiçoada?*, ainda sem tradução para o português, propõe reflexões a partir de reais questionamentos que muitos cidadãos africanos ainda fazem, e que o autor, também como africano, se fez e ousa fazê-los agora em alta voz através desta publicação. Quando se faz perguntas dos tipos: por que uma terra tão rica em recursos minerais e naturais, diversidade cultural, criatividade e dinamismo continua vivendo em meio a tanta miséria e destruição? A África negra é amaldiçoada?

Ela pode sair desse caos? Moussa tenta encontrar respostas que remetem às suas questões identitárias. O autor se coloca no lugar do continente negro e procura saber quem ele é e o que diz respeito à sua identidade quando afirma: “L’Afrique noire c’est moi aussi, et sans elle je n’existe pas!”¹ (p. 13). A obra propicia ao leitor reflexões para tentar compreender a situação atual do continente negro e suas possibilidades de mudança. Moussa não escreve uma história da África negra, nem mais um livro de sociologia, filosofia ou etnologia. Para ele, o problema da África negra é seu problema também (p. 14). O autor deixa claro o motivo de ter especificado África negra e não África em geral. Ele escreve sobre o que tem mais conhecimento: a sua terra negra, suas culturas, costumes, etc. (p. 14).

O escritor e dramaturgo malinês, nascido em Kita-Mali em 1951, tem várias obras literárias e teatrais. As mais conhecidas são: *L’empreinte du renard*² (Fayard, 2006); *Or du diable, suivi du cercle au féminin*³ (L’Harmattan, 2004); *Un appel de nuit*⁴ (Lansman, 2004); *Fils du chaos*⁵ (L’Harmattan, 2000); *Un appel de nuit: théâtre*⁶ (Promotion Théâtre, 1995).

^(*)Graduando em pedagogia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (Fabat). Participa do grupo de pesquisa culturas e identidades no cotidiano, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

¹ A África negra também **sou eu**, e sem ela eu não existiria.

² A pegada da raposa.

³ Ouro do diabo, perseguição feminina.

⁴ A chamada da noite.

L'Afrique noire est-elle maudite? foi lançado em 2010 pela editora francesa Fayard. Com 239 páginas, a obra foi publicada entre muitas outras obras africanas, em francês, em ocasião dos cinquenta anos de independência de vários países africanos, incluindo Mali.

Formado em letras pela Escola Normal Superior da capital do Mali – Bamako, Konaté foi professor durante alguns anos, mas logo deixou a sala de aula para se dedicar com exclusividade à literatura, fundando em 1997 a primeira editora – Figuiet⁷ – do Mali. Tornou-se o primeiro escritor e editor malinês, sempre envolvido com as questões de desenvolvimento econômico e pessoal dos indivíduos de seu vilarejo. Para ele, cada indivíduo deve assumir sua função efetiva para o desenvolvimento das sociedades.

Por todo o profundo conhecimento de África que este autor possui, a obra *L'Afrique noire est-elle maudite?* pode servir como um espelho para os negros africanos, principalmente porque foi escrita especificamente para eles, e particulariza-se também por ter sido escrita por um africano que nos mostra sua coragem e sua paixão pelo continente negro. Ele enxerga com realismo e otimismo os problemas e dificuldades de seu povo, como também suas grandes qualidades e as possíveis transformações a partir de reflexões individuais. Lendo Moussa Konaté percebemos que, por trás de muitos dilemas apresentados, uma nova África nasce a partir de um novo *pacto* que não exclui o equilíbrio entre o indivíduo e a sociedade.

A obra do autor contrapõe as ideias há muito difundidas de uma África quase sempre relacionada à fome, guerras civis, violência sem escrúpulos, sexualidade desenfreada, infantilidade, vírus ebola, aids, malária e inúmeros tipos de calamidades; ainda, associada apenas a florestas habitadas por gorilas, leões e outras feras selvagens, e com algumas choupanas habitadas por pessoas mal-educadas e sem higiene. O autor procura dar respostas ao olhar estigmatizado posto sobre o continente negro, ao seu retrato muitas vezes distorcido pintado principalmente pelos “ocidentais”. Porém, podemos pensar no pano de fundo dessas situações de infortúnio e refletirmos o modo como as sociedades africanas percebem o porquê dessas realidades.

Konaté afirma que não se pode ignorar a escravatura, e, principalmente a colonização, pois essa última fez com que as sociedades africanas ficassem fortemente abaladas e desestruturadas, a ponto de muitas vezes idealizar um passado, não necessariamente real, em que a África sem a presença do colonizador teria sido um paraíso. A conquista militar da África teve fim em 1905, mas

⁵ Filho do caos.

⁶ Peça teatral A chamada da noite.

⁷ A editora *Figuiet* publica materiais em línguas nacionais do Mali com o objetivo de dispor às crianças ferramentas para enriquecer o conhecimento escrito de sua língua materna através de histórias de seu contexto.

suas marcas perduram até hoje, fazendo com que apenas a imagem construída de maneira deturpada do continente negro, e do negro africano, se disseminasse de maneira desonesta como se esta fosse sua única e exclusiva realidade.

O livro faz uma crítica contundente à imagem da África negra desenhada pelo homem ocidental e por escritores africanos – que fazem parte de uma elite – e não gostam de ser chamados dessa forma, pois gostariam mesmo de serem chamados de franceses. Essa imagem pintada é absolutamente desesperadora, e mostra a intensidade do racismo por parte dessa elite que é definitivamente convencida de seu pensamento abissal e boçal.

Pode-se destacar no primeiro capítulo desta obra, dentre os vários discursos que trazem pensamentos pejorativos sobre a África negra, o do presidente francês Nicolas Sarkozy falando em 26 de julho de 2007 aos senegaleses. Ele afirma: “O problema da África é que ela vive demasiadamente o presente com saudade do paraíso perdido da infância que passou” (p. 28).

Falar do paraíso perdido, ou “roubado” pelos colonizadores, não significa sinalizar apenas uma prática de exploração de recursos naturais e físicos (humanos), mas, inclusive psicologicamente, tem a ver com o rapto da identidade negro-africana pelo “ocidental”. Ainda é leviano afirmar que, se a história comovente e impactante que o continente negro conheceu não tivesse acontecido, um desenvolvimento tal qual o ocidente experimenta chegaria indubitavelmente. O “se” implica em muitos aspectos. Porém, o que seria possível sem a colonização é que os países africanos poderiam se ajudar entre si, e não teriam a desculpa de ficarem sempre presos ao passado doloroso. Isso não é uma certeza, e sim uma possibilidade.

Moussa Konaté aponta que, além da colonização como malefício, existem outros traços culturais africanos deficitários. Talvez seja preciso “liberar” o pensamento e o coração dos indivíduos para tê-los como agentes ressignificadores de sua cultura e costumes. Na África negra

todos os aspectos da vida repousam sobre um pacto entre o indivíduo e a sociedade. Esse pacto é baseado numa filosofia de vida repassada de geração a geração, durante séculos, em que a vida é um ciclo ininterrupto, onde ninguém ousa quebrá-lo” (Konaté, 2010, p. 37).

Tal *pacto* continua sendo fielmente cumprido pelos negros africanos, fortalecendo a supremacia do grupo sobre o indivíduo, e assim dificultando o desenvolvimento individual deste último.

Dentre os exemplos de práticas reproduzidas como ordem superior do grupo sobre o indivíduo, o autor cita a supremacia do homem sobre a mulher (relatando o controle do prazer feminino como vontade de poder absoluto do macho) na incisão feminina, a heresia da poligamia

alimentando o machismo e a as divisões dos grupos étnicos. Mas, pergunta-se, como um país pode ser construído sem que o indivíduo tenha autonomia para se desenvolver? Para Konaté, tal questão não remete à ideia de que cada indivíduo deva ter sua maneira de ser e de agir, pois isso é fazer apologia ao individualismo ocidental. O indivíduo serve à comunidade, o que é um grande benefício. Mas o problema maior está em o indivíduo ser sufocado pelas práticas estabelecidas pela sociedade, sem a liberdade de decidir sobre a possibilidade de mudança dessas práticas.

O *pacto original* tem permanecido praticamente imutável. Todos são da comunidade, e com esta têm uma dívida “eterna”. O lema é: se você recebeu, você deve retribuir. É exatamente aí que ninguém vive para si, e sim para a “grande família”. Todos são submissos a todos, principalmente os mais novos em relação aos mais velhos. A tentativa de fuga deste *pacto* implica em marginalização, e, por conseguinte a maldição cairá sobre o indivíduo marginalizado. Para o negro africano, a pessoa marginalizada é automaticamente amaldiçoada. Assim, quem se encontrar cumprindo todas as regras pré-estabelecidas pelo *pacto* dentro do grupo pode garantir sua bênção. O objetivo do *pacto* praticado pela sociedade negra africana é “agradar” os ancestrais para esta não ser esquivada das suas bênçãos; e se houver algum caso de doença, morte, enchentes, secas ou qualquer “anormalidade” pode significar que alguém tentou desagradar os ancestrais, e toda a sociedade local está sendo punida pelo ocorrido. Moussa Konaté propõe a reflexão e a crítica de muitas práticas africanas para tentar diminuir o abismo entre o passado e a possibilidade de um futuro diferente.

A sociabilidade é citada em destaque na obra de Moussa Konaté como uma das bases fundamentais das sociedades africanas. Ela não é apenas uma base fundamental para o desenvolvimento quando praticada de maneira positiva, mas é uma particularidade saliente das sociedades africanas, um forte diferencial entre as sociedades africanas e as do mundo ocidental. Para Konaté, é a partir da sociabilidade africana que os países negros iniciarão um “novo nascimento” e, apesar das aparências, a África negra evolui. Para facilitar a evolução de suas sociedades precisamos sempre lembrar de outras armas que elas possuem, como a longevidade e a força que têm, além do grande sonho eterno presente no coração negro africano.

No que se refere à colonização, esta, por um lado, proporcionou à África negra estradas, hospitais, água corrente, eletricidade, escola ocidental, mas, por outro, trouxe juntamente com isto a “carta branca” para continuar colonizando com menos dificuldade.

O autor malinês descreve que as sociedades africanas guardam marcas que permanecem desde a escravatura e da colonização. O lado, talvez, mais devastador deixado pela colonização tem a ver com a educação. Esta agora é feita em línguas europeias, trazendo grande conflito às mentes africanas que se encontram divididas em dois mundos: o da escola e o da vida tradicional. Na

maioria dos casos, o sistema de educação tradicional africano existente é sufocado pelo sistema educacional ocidental copiado pelos africanos. A inferioridade negra ainda é levada a sério como verdade pelas sociedades negras africanas.

Konaté mostra na história que a elite negra africana contribuiu bastante com a colonização, vendendo seus irmãos aos ocidentais. Esta elite se mostrou cúmplice do trabalho vergonhoso dos brancos ocidentais e dos árabes que também associavam negros a escravos. Conhecendo bem as tradições e os territórios africanos, aproveitou-se para se armar contra a outra parte das populações africanas.

Dentro dessa elite negra de colonizadores atuais Moussa destaca os chamados “portadores de verdades”: são críticos africanos que procuram impor um pensamento único a todos os povos africanos e ao mundo sobre a África. Um pensamento reproduzido por eles, e que foi adquirido através da escola ocidental, a qual passa uma filosofia da colonização: “necessitada pelos pagãos africanos”. O objetivo da “civilização” era a alienação. Moussa acredita que esses escritores africanos continuam financiando a colonização, agora utilizando outro tipo de arma: o cinema e o livro. A literatura “africana” pode incentivar os povos da África negra à velha forma de pensar, admitindo apenas os defeitos de suas sociedades. A imagem distorcida do negro africano e do continente negro, construída por esta elite com o poder da escrita, que engloba apenas: terras de absurdidades, de violências, guerras civis, fanatismo religioso e de sexualidade exacerbada, sucessão sem fim de crianças famintas, quando não crianças assassinas com fuzis nas mãos, muitas doenças, pessoas desesperadas sem ter aonde ir, etc; e difundida pelo branco como história única, continua sendo largamente espalhada e construindo esse tipo de imagem nas mentes, tanto das novas gerações africanas quanto nas mentes do restante do mundo. Os meios de comunicação de massa continuam fabricando nos africanos a convicção de inferioridade de sua cultura e de sua civilização. A “história única”, contada ao mundo pelos colonizadores com armas de fogo ou com uma pena sobre o continente negro, é um paradigma que nega a produção cultural das populações negras no mundo e as inferioriza. Assim, a África negra não é apenas vítima da degradação de sua imagem, mas ela contribui para tal, também através da literatura “de origem” africana.

Assim, as ideias publicadas por diferentes jornalistas, estudantes, romancistas e principalmente escritores e críticos africanos e afrodescendentes ocidentais, considerados “especialistas” em assuntos africanos pela quantidade de livros e artigos publicados sobre o tema, e que tem priorizado imagens e informações indecentes sobre as sociedades negras africanas propagadas pelo mundo, podem ser consideradas a mola propulsora que impulsionou Moussa Konaté escrever *L’Afrique noire est-elle maudite?*.

Este livro chama atenção às inúmeras publicações sobre a África, ressaltando como na atualidade grande parte das informações adquiridas são de caráter afropessimista do continente tido como berço da humanidade. Eis a razão do sucesso assegurado com facilidade dos filmes, noticiários e documentários com esses temas! Para Konaté, as discussões que giram apenas em torno desses quesitos não trazem nada além de informações e imagens deturpadas da África negra aos sujeitos sem relação imediata com o continente.

Um dos pontos importantes deste instigante livro é trazer para o centro do debate a necessidade do reconhecimento de que muitos valores transmitidos e reproduzidos pelas sociedades africanas são fundamentais, mas se não puderem ser “transgredidos” pelo indivíduo de maneira reflexiva e crítica não haverá desenvolvimento. A ordem ancestral precisa ser subvertida. Para o autor, a única via de mudança das sociedades negras africanas tem a ver com uma nova escola como único meio de “salvação” destas sociedades. Na verdade, esta escola já existe nas sociedades africanas há muitos séculos, mas tem sido aplacada pela escola ocidental ainda presente. A escola africana sempre formou indivíduos conforme o objetivo de suas sociedades, veiculando sempre os mesmos valores fundamentais que engloba o *pacto original*. A nova escola que deverá ser obrigatória e em línguas nacionais deverá formar pensadores e pessoas que acreditem e inistam nas sociedades africanas. Ela lhes dará ferramentas contra toda e qualquer tentativa de dominação e valorizará os traços de uma sociedade humanista, o que faz com que as sociedades africanas não desapareçam e progridam.

Ainda, para que aconteça, parafraseando o autor, um “renascimento africano”, na busca da reconstrução identitária negro-africana, o reconhecimento e o perdão devem ser protagonistas no início de uma nova história. É necessário que os africanos reconheçam seus tropeços, começando pelo importante papel que seus líderes tiveram no comércio de escravos, sem negar a necessidade de transformação no seu modelo de sociedade atual, e acreditar na potencialidade de seus indivíduos como membros de suas sociedades.

A leitura de *L'Afrique noire est-elle maudite?* se faz necessária para um conhecimento de mundo africano mais aprofundado. O livro de Moussa Konaté traz o ponto de vista de um nativo africano e, com sua escrita agradável e sincera, nos dá importantes ferramentas para compreender, refletir e questionar sobre o pensamento e o sentimento do povo negro, este que há muito tem sua história construída quase que unicamente a partir de uma perspectiva dramática e cheia de adversidades, propagada há séculos, e que, sem dúvida, repercute na nossa sociedade através da diáspora africana no Brasil. Esta obra torna-se, assim, uma leitura importante para a reflexão da nossa própria história.

Recebido e aprovado em abril de 2011